

# Panorâmica

Márcio Kato



Mario Sergio Cortella\*

## Ilusão de ética

Relembrar as idéias de Paulo Freire é imprescindível

**Q**uatro anos já se passaram desde que, no final da madrugada de 2 de maio de 1997 (uma sexta-feira, dia chamado de *veneris* no calendário romano da Antiguidade, em homenagem a Vênus, deusa do Amor), aconteceu a morte do corpo de Paulo Freire. Quatro anos sem ouvir, de viva voz, o Mestre nos alertando para os riscos da complacência política e da convivência ingênua.

Quatro anos sem escutar, dito por ele mesmo, um verbo que preciosamente inventara: “miopisar”. Em Paris, em 1986, ao receber o Prêmio Educação para a Paz, da Unesco, disse: “De anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes aprendi sobretudo que a paz é fundamental, indispensável, mas que a paz implica lutar por ela. A paz se cria, se constrói na e pela superação de realidades sociais perversas. A paz se cria, se constrói na construção incessante da justiça social. Por isso, não creio em nenhum esforço chamado de educação para a paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças, o torna opaco e tenta miopisar as suas vítimas.”

Miopisar! Deixar míope, dificultar a visão, distorcer o foco. Isso nos lembra a conjuntura atual da república brasileira, na qual muitos daqueles aos quais cabe constitucionalmente a tarefa de proteger a justiça, a democracia e a cidadania, fraturam a honradez e a legitimidade social, impondo, mais do que uma ilusão de ótica, uma ilusão de ética. É a transformação em “normal” de uma opaca ética do vale-tudo, do uso privado dos recursos públicos, do exercício da autoridade legislativa para tungar benesses particulares, da outorga judiciária para obter a locupletação exclusiva.

É claro que a incúria, a má versação, a prevaricação, a fraude e a negligência são temas cotidianos e recorrentes durante toda a nossa história, mas não precisam

continuar sendo. E, só não o serão mais se não os considerarmos como inevitáveis, naturais ou, até, “normais”. A novidade, porém, é que, no momento em que há mais divulgação e mecanismos legais de defesa contra tais desmandos e tresvarios, parece que o espaço pedagógico não vem tocando muito nesses temas (que não são nada transversais ou oblíquos e, sim, centrais e primordiais).

Paulo Freire ficaria fraternalmente irado! Irado com o entorpecimento que acomete muitas e muitos de nós que atuamos em educação; ele com certeza brandiria a pedagogia da indignação contra a eventual demora em transformar esse contexto nacional eticamente turbu-

**“Não creio em nenhum esforço de educação para a paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças, tenta miopisar suas vítimas” Paulo Freire**

lento em um tema gerador diário de nossa reflexão na comunidade escolar, de modo a favorecermos a rejeição ao fatalismo e à cumplicidade involuntária. É provável, também, que nosso saudoso educador pernambucano nos lembrasse que “a melhor maneira que a gente tem de fazer possível amanhã alguma coisa que não é possível de ser feita hoje, é fazer hoje aquilo que hoje pode ser feito. Mas se eu não fizer hoje o que hoje pode ser feito e tentar fazer hoje o que hoje não pode ser feito, dificilmente eu faço amanhã o que hoje também não pude fazer”.

\*Professor de pós-graduação em Educação (Currículo) da PUC-SP.